



# Ἄγλος como santuário na Epístola aos Hebreus: uma análise de traduções em português no Brasil

*Ἄγλος as sanctuary in the Epistle to the Hebrews: an  
analysis of Portuguese translations in Brazil*

ADRIANI MILLI RODRIGUES <sup>a</sup>

LEONARDO GODINHO NUNES <sup>b</sup>

## Resumo

Uma das intrigantes questões de tradução na Epístola aos Hebreus se relaciona com a expressão grega ἄγλος e suas variações, como referência ao santuário. Mais especificamente, há uma dificuldade em determinar se a ocorrência de ἄγλος diz respeito ao santuário de forma geral, ou se refere a um de seus compartimentos em particular. Essa amplitude de possibilidades de significado para a tradução potencialmente influencia a leitura das passagens da epístola que contêm essa expressão, bem como a compreensão de sua teologia como um todo. Nesse contexto, o presente artigo objetiva analisar as traduções de ἄγλος, no campo semântico específico de santuário, para a língua portuguesa, em versões bíblicas da Epístola de Hebreus no Brasil. Em um primeiro momento, o artigo compara as traduções de ἄγλος para santuário em Hebreus realizadas por influentes versões bíblicas no Brasil. A seguir, há uma breve investigação exegética do significado de ἄγλος como santuário em Hebreus para uma avaliação geral de sua tradução na epístola.

**Palavras-chave:** ἄγλος. Hebreus. Tradução. Santuário. Lugar santíssimo

---

<sup>a</sup> Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), São Paulo, SP, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: adriani.milli@unasp.edu.br

<sup>b</sup> Instituto Adventista Paranaense (IAP), Maringá, PR, Brasil. Doutor em Teologia Bíblica, e-mail: leonardo.gnunes@educadventista.org.br

## Abstract

*One of the intriguing translation issues in the Epistle to the Hebrews is related to the Greek term ἅγιος and its variants, with reference to the sanctuary. More specifically, it is difficult to determine if the occurrence of ἅγιος refers to the sanctuary as a whole or to one of its specific compartments. These different possibilities of meaning for translation potentially impact the reading of the passages in the epistle that contain this term, just as they impact the theological understanding of Hebrews. In this context, the present article seeks to analyze the Portuguese translations of ἅγιος, in the semantic field of sanctuary, considering biblical versions of the Epistle to the Hebrews in Brazil. Firstly, the article compares the translations of ἅγιος as sanctuary in influential Brazilian versions. Then, the study undertakes a brief exegetical investigation of the meaning of ἅγιος as sanctuary in Hebrews in order to provide a general evaluation of its translation in the epistle.*

**Keywords:** ἅγιος. Hebrews. translation. sanctuary. Most Holy Place

## Introdução

Uma das intrigantes questões de tradução na Epístola aos Hebreus se relaciona com a expressão grega ἅγιος e suas variações.<sup>1</sup> Dentro do sentido geral de "santo", a maior parte das ocorrências dessa expressão na epístola pertence ao campo semântico mais específico da linguagem do santuário no grego do NT (cf. LOUW; NIDA, 1996, vol. 1, p. 85-86; BAUER et al., 2000, p. 11).<sup>2</sup> Das dezenove ocorrências na epístola, onze se situam nesse campo semântico (Hb 8:2; 9:1-3, 8, 12, 24-25; 10:19; 13:11),<sup>3</sup> e a respectiva diversidade de suas traduções modernas em Hebreus evidencia a importância da discussão acadêmica desse tema.<sup>4</sup> Mais especificamente, há uma dificuldade em

<sup>1</sup> Em todo o presente artigo, afirmações gerais acerca da expressão ἅγιος também se referem implicitamente às suas variações no singular e plural. Portanto, a partir desse momento as declarações amplas sobre essa expressão não serão mais acompanhadas da referência à inclusão de suas variações.

<sup>2</sup> Para uma visão geral do campo semântico de ἅγιος no Novo Testamento e nos Pais Apostólicos, veja Havelková (2015).

<sup>3</sup> Nessa contagem, a expressão ἅγιοι ἄγγελοι, em 9:3, contém duas das ocorrências. As outras oito ocorrências de ἅγιος na epístola dizem respeito ao Espírito Santo (2:4; 3:7; 6:4; 9:8; 10:15) e aos crentes como santos (3:1; 6:10; 13:24).

<sup>4</sup> Para uma visão geral da discussão acerca do santuário em Hebreus na literatura, veja, por exemplo, Cody (1960); Koester (1989, p. 153-183); Ribbens (2016, p. 82-148); Regev (2019, p.

determinar se a ocorrência de ἄγιοσ diz respeito ao santuário de forma geral ou se refere a um de seus compartimentos em particular. Obviamente, essa amplitude de possibilidades de significado para a tradução potencialmente influencia a nossa leitura das passagens da epístola que contêm essa expressão, bem como a compreensão de sua teologia como um todo.

Nos anos 60, o estudo de Salom (1967) objetivou precisamente discutir o significado de ἄγιοσ como santuário em Hebreus, levando em conta as traduções da epístola para a língua inglesa. Portanto, na medida em que o presente estudo objetiva explorar também o significado dessa expressão na epístola, tendo em vista as implicações disso para o trabalho da tradução bíblica, faz-se necessário justificar a sua relevância em comparação com a contribuição já oferecida anteriormente por Salom (1967). Ao passo que o trabalho de Salom (1967) será mencionado novamente nas considerações finais desse artigo, convém destacar aqui dois pontos que diferenciam a presente empreitada em comparação com esse trabalho anterior e, desse modo, sublinham a contribuição distintiva que o presente artigo pretende oferecer.

Em primeiro lugar, este artigo situa a discussão do significado de ἄγιοσ como santuário (esse sempre será o sentido de ἄγιοσ explorado ao longo desse artigo) em Hebreus no contexto de análise de traduções bíblicas em língua portuguesa, especificamente no ambiente brasileiro. Em segundo lugar, por conta do intervalo histórico entre os dois estudos, o presente artigo tem condições favoráveis de atualizar a discussão de Salom (1967), realizada há mais de cinquenta anos atrás, tendo em vista as possibilidades de diálogo com significativas contribuições de trabalhos mais recentes na área de exegese em Hebreus, de forma particular, e na literatura do judaísmo do segundo templo, de maneira mais ampla. Portanto, considerando esses dois níveis de contribuições em potencial, em suma o presente artigo objetiva analisar as traduções de ἄγιοσ, no campo semântico específico de santuário, para a língua

---

272-284); Rodrigues (2018, p. 213-216); Nunes (2020, p. 291-439); Philip (2011, p. 47-62); Philip (2013, p. 119-126); Motyer (2004, p. 177-189), Mackie (2011).

portuguesa, em versões <sup>5</sup> bíblicas da Epístola de Hebreus no contexto brasileiro.

Com a intenção de atingir esse objetivo, a investigação se divide em duas partes principais. Primeiramente, ela apresenta, de forma comparada, as traduções de ἄγλιος para santuário em Hebreus realizadas por versões bíblicas no Brasil. Após esse quadro comparativo, a investigação discute breve e exegeticamente o significado de ἄγλιος como santuário em Hebreus. Essa discussão se inicia com ponderações acerca de ἄγλιος no contexto da LXX e da literatura judaica do segundo templo, bem como da própria estrutura literária do conteúdo da epístola. A partir dessa perspectiva, são apresentadas breves notas exegéticas para cada uma das dez passagens de ἄγλιος como santuário na epístola. Com base dessa discussão exegética, as considerações finais da investigação avaliam brevemente as traduções de ἄγλιος como santuário em Hebreus nas versões apresentadas na primeira parte do artigo e oferecem algumas sugestões acerca da tradução dessa expressão em Hebreus.

## **Traduções de ἄγλιος como santuário em Hebreus**

As passagens de Hebreus que contêm ocorrências da linguagem de ἄγλιος no sentido abrangente de santuário, sem especificarmos nesse momento se a referência seria ao santuário como um todo ou alguma parte dele, são dez: 8:2; 9:1-3, 8, 12, 24-25; 10:19; 13:11. Portanto, essas passagens delimitam o foco da apresentação das traduções nessa seção, no que diz respeito ao texto da epístola.

Com relação à delimitação da seleção de versões em língua portuguesa no Brasil, as traduções escolhidas incluem o amplo espectro de variações de versões de equivalências formal (literal, palavra por palavra) e dinâmica (semântica, funcional), considerando que elas apresentam diferentes graus de formalidade e de dinamicidade. <sup>6</sup> De fato, algumas se situam numa zona

---

<sup>5</sup> O presente artigo utiliza a linguagem de versão e tradução de forma intercambiável.

<sup>6</sup> Discussões úteis acerca de traduções bíblicas no Brasil incluem Alves (2010), Malzoni (2010), Scholz (2016) e Konings (2003; 2016).

intermediária entre essas duas categorias de tradução, enquanto outras se encontram na região intermediária de equivalência dinâmica e paráfrase. Nem sempre é fácil definir de maneira clara e unânime a categoria da versão em questão, especialmente quando é necessário classificar seu nível de equivalência dinâmica, tendo noção de distância ou proximidade da categoria de equivalência formal como ponto de referência. Ainda assim, as categorias de equivalências formal e dinâmica são úteis na comparação das diferentes versões.

Entre as versões normalmente classificadas como sendo de equivalência formal no cenário brasileiro, pode-se destacar a Bíblia de Jerusalém (BJ)<sup>7</sup>, a Bíblia Ave-Maria (AM)<sup>8</sup> e as principais versões Almeida, provavelmente na sequência de tradução mais formal para menos formal (no sentido de estar mais próximo ou até mesmo adotar em alguma medida a equivalência dinâmica) – Almeida Revista e Corrigida (ARC)<sup>9</sup>, a Almeida Revista e Atualizada (ARA)<sup>10</sup>, Nova Almeida Atualizada (NAA)<sup>11</sup>. Com respeito às versões que ocupam uma posição intermediária entre as abordagens de equivalência formal e dinâmica, pode-se mencionar a Nova Versão Internacional (NVI)<sup>12</sup>, a Nova Versão Transformadora (NVT)<sup>13</sup>, a Bíblia da CNBB<sup>14</sup>, a Bíblia de Aparecida (AP)<sup>15</sup> e a Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB)<sup>16</sup>, em estilo mais erudito. Por sua vez, entre as versões que se situam mais diretamente no âmbito da equivalência dinâmica figuram a Nova Tradução na Linguagem de Hoje

---

<sup>7</sup> Editora Paulus (2002).

<sup>8</sup> Editora Ave-Maria (2004).

<sup>9</sup> Sociedade Bíblica do Brasil (1995). Embora a ARC traduza o chamado *textus receptus*, essa diferença em relação às outras traduções não é significativa para os propósitos do presente artigo, em relação às dez passagens de ἄγιος como santuário em Hebreus.

<sup>10</sup> Sociedade Bíblica do Brasil (1993).

<sup>11</sup> Sociedade Bíblica do Brasil (2017).

<sup>12</sup> Sociedade Bíblica Internacional (2000).

<sup>13</sup> Editora Mundo Cristão (2016); Tyndale House Foundation. Conteúdo eletronicamente disponível em <https://www.bible.com/pt/bible/1930/HEB.13.NVT>.

<sup>14</sup> Edições CNBB (2018).

<sup>15</sup> Editora Santuário (2006). Conteúdo eletronicamente disponível em <https://www.a12.com/biblia/novo-testamento/hebreus>.

<sup>16</sup> Editora Loyola (1994).

(NTLH)<sup>17</sup>, a Nova Bíblia Pastoral (EP)<sup>18</sup> e a Bíblia do Peregrino (BP)<sup>19</sup>. No campo da paráfrase, encontram-se a Nova Bíblia Viva (BV)<sup>20</sup> e A Mensagem (ME)<sup>21</sup>. A classificação indicada neste parágrafo dialoga especialmente com Konings (2003; 2016), Scholz (2016) e com um texto da editora Mundo Cristão,<sup>22</sup> que publicou a BV e a NVT Brasil.

Essa seleção de 15 versões não constitui, obviamente, um número exaustivo de traduções bíblicas em língua portuguesa no Brasil. Entretanto, ela oferece um nível elevado de representatividade, considerando a ampla circulação dessas versões no Brasil, bem como a distribuição delas no variado espectro de adoção das abordagens de equivalências formal e dinâmica nas estratégias de tradução, incluindo até mesmo versões que se aproximam ou se caracterizam como paráfrase.

Uma vez que a delimitação das passagens de ἄγιος em Hebreus foi indicada, bem como a seleção das versões bíblicas a serem comparadas, é possível ler e interpretar com maior clareza a apresentação dos dados na tabela a seguir. Nela as versões são agrupadas nas colunas verticais de acordo com a similaridade das traduções de ἄγιος, independentemente das categorias de equivalências formal e dinâmica. A primeira coluna indica as dez passagens com ἄγιος em Hebreus. A segunda apresenta como as variações linguísticas dessa expressão aparecem em cada passagem. Como referência contextual, a marcação em amarelo significa que a passagem em questão se refere ao santuário celestial. Por contraste, as que não possuem essa marcação descrevem o santuário terrestre. Finalmente, a partir da quarta coluna figuram as diferentes traduções de ἄγιος. A primeira coluna de traduções agrupa o maior número de versões que, com exceções bem pontuais a serem discutidas

---

<sup>17</sup> Sociedade Bíblica do Brasil (2000). Parceria com Paulinas Editora (2003).

<sup>18</sup> Editora Paulus (2014).

<sup>19</sup> Editora Paulus (2000), Novo Testamento, Luís Alonso Schökel.

<sup>20</sup> Mundo Cristão e Sociedade Bíblica Internacional (2010). Conteúdo eletronicamente disponível em <https://www.bible.com/pt/bible/1966/HEB.8.NBV-P>.

<sup>21</sup> Editora Vida (2011), *The Message* de Eugene Peterson. Conteúdo eletronicamente disponível em <https://biblia-a-mensagem.vercel.app/livro/hebreus>.

<sup>22</sup> Veja Editor MC, Diferenças entre as traduções da Bíblia em português (22/10/2021), em <https://www.mundocristao.com.br/blog/diferencas-entre-as-traducoes-da-biblia-em-portugues/>.

abaixo, praticamente traduzem ἄγιοσ sempre como santuário. Os agrupamentos das outras duas colunas de versões apresentam uma maior variação nas traduções. Por sua vez, dadas as suas particularidades em comparação com outras versões, a paráfrase de ME foi deixada em uma coluna individual, na última coluna da tabela. As particularidades incluem o fato de que nem sempre há a indicação de versos individuais, por isso a sua coluna na tabela indica o agrupamento de versos indicados na ME, visto que todas as passagens selecionadas de Hebreus nesse artigo aparecem em versos agrupados na ME. Outra peculiaridade são as próprias expressões utilizadas na ME para expressar a ideia de santuário.

Nas colunas de agrupamento de versões existem indicações de diferença pelo uso traço vertical (|) quando uma traduz de forma distinta das outras da mesma coluna, como na diferença de “santuário” e “santo dos santos”. Contudo, quando a diferença continua comunicando a mesma ideia, como “santuário” / “tabernáculo” / “templo”, ou no caso de “lugar santíssimo” / “santo dos santos”, o traço horizontal (-) é utilizado no sentido de minimizar a diferença.

Além disso, considerando que o maior agrupamento de versões adota a tradução geral de santuário, esse termo foi marcado em vermelho na tabela, como referência para facilitar a visualização comparada de traduções que optam por outros termos e que, portanto, não estão marcadas em vermelho. Outro destaque colocado na tabela é o texto em negrito para as traduções de 9:2-3 que, conforme será comentado na próxima seção, consistentemente fazem a distinção dos lugares santo e santíssimo do santuário em quase todas as versões.

Finalmente, é preciso enfatizar que todos os comentários acerca das traduções apresentados abaixo da Tabela 1, nesta seção, limitam-se à compreensão que o leitor pode ter do texto em português oferecida pela respectiva tradução unicamente. Em outras palavras, a presente seção não se preocupa em avaliar a tradução do ponto de vista exegético do texto grego de Hebreus, uma vez que a discussão exegética se iniciará apenas na próxima seção.

Tabela 1 – Traduções de ἅγιος como santuário

Hb	Grego	ARC, BJ, AM, TEB, CNBB, EP, AP, BP	ARA, NAA	NVI, NVT, NTLH, BV,	ME
8:2	τῶν ἁγίων	santuário	santuário	santuário - templo (NBV)   lugar santíssimo (NTLH)	8:1-2 Santuário
9:1	τό ἅγιον	santuário - templo (TEB)	santuário	santuário - tabernáculo (BV)	9:1-5 lugar designado
9:2	ἅγια	santo   santuário (ARC)	santo lugar	lugar santo	9:1-5 lugar santo
9:3	Ἅγια Ἁγίων	santo dos santos	santo dos santos	lugar santíssimo - santo dos santos (BV)	9:1-5 - lugar santíssimo
9:8	τῶν ἁγίων	santuário   santo dos santos (AM)	santo lugar   santuário (NAA)	lugar santíssimo - santo dos santos (BV)	9:6-10 (andar com Deus lado a lado)
9:12	τὰ ἅγια	santuário	santo dos santos   santuário (NAA)	lugar santíssimo - santo dos santos (BV)	9:11-15 lugar santo
9:24	ἅγια	santuário	santuário	santuário - lugar de adoração (BV)   lugar santo (NTLH)	9:23-16 lugar santo
9:25	τὰ ἅγια	santuário	santo dos santos	lugar santíssimo - santo dos santos (BV)	9:23-26 lugar santo
10:19	τῶν ἁγίων	santuário	santo dos santos   santuário (NAA)	lugar santíssimo - santo dos santos (BV)	10:19-21 lugar santo
13:11	τὰ ἅγια	santuário	santo dos santos	lugar santíssimo   santuário (NBV)   lugar santo (NVT)	13:10-12 (dentro do) altar

Conforme já mencionado, a principal característica do primeiro agrupamento de traduções (ARC, BJ, AM, TEB, CNBB, EP, AP, BP) é a consistente opção pelo termo “santuário” em todas as passagens. No caso da ARC, o termo é utilizado até em Hb 9:2, em que todas as outras versões, mesmo das outras colunas, traduzem como “santo” para diferenciar contextualmente do “santo dos santos” em 9:3. Entretanto, existem duas variações pontuais de traduções nesse primeiro agrupamento. A primeira é a variação quase sinônima da TEB em 9:1, que utiliza o termo “templo”. A segunda é a variação significativa da AM em 9:8, em que a expressão “santo dos santos” é usada.

Com respeito ao segundo agrupamento (ARA, NAA), a opção pelo termo “santuário” tem um nível um pouco menor de consistência geral entre as passagens, em termos de uniformidade da tradução, em comparação com o primeiro da coluna anterior. Deve-se destacar, no entanto, que a constatação de uma consistência ou uniformidade menor não representa, nesse momento, um comentário necessariamente negativo de avaliação exegética. Talvez, a opção pela variação da tradução entre as passagens se justifique exegeticamente, mas esse é um tema de discussão para a próxima seção do artigo. O que se deseja indicar, agora, é apenas que as passagens não são consistentemente traduzidas como “santuário”. Ao mesmo tempo, a comparação entre a ARA e a NAA revela pontos significativos acerca da tradução de ἅγιος, especialmente quando nos lembramos que a NAA é uma nova edição (3. ed.) da ARA (2. ed.) pela Sociedade Bíblica do Brasil. Enquanto as traduções de ἅγιος pela ARA fazem com que ela se aproxime do terceiro agrupamento das traduções (NVI, NVT, NTLH, BV), as mudanças na NAA apontam para a sua proximidade do primeiro agrupamento (ARC, BJ, AM, TEB, CNBB, EP, AP, BP).

De fato, as traduções da ARA indicam que ela poderia se situar no terceiro agrupamento, uma vez que só existe uma variação de diferença na tradução dela em relação a esse agrupamento em 9:8 (“santo lugar” na ARA e “lugar santíssimo” ou “Santo dos Santos” no terceiro agrupamento). Contudo, a comparação da ARA com a nova edição da NAA, que se move na direção do primeiro agrupamento, faz com que ARA e NAA constituam um agrupamento próprio significativo de análise. Em particular, podemos

destacar a tradução de três passagens (9:8, 12; 10:19) em que a NAA optou por “santuário”, em contraste com as traduções da ARA para “santo lugar” (9:8) e “santo dos santos” (9:12; 10:19). Em realidade, nessa leitura em português, é possível entender a expressão “santo lugar” (9:8) no sentido amplo de santuário como um todo, mas o fato de que “santo lugar” é também a tradução em 9:2, no seu contraste imediato com “santo dos santos” em 9:3, tende a direcionar, em algum nível, a leitura de 9:8 para o sentido específico de primeiro compartimento do santuário. Por outro lado, voltando à comparação da NAA com a ARA, a NAA ainda mantém a variação da tradução “santo dos santos” que encontramos na ARA em 9:25 e 13:11.

Como temos visto até aqui, “santuário” é a opção de tradução predominante no primeiro agrupamento. Essa predominância é diminuída no segundo agrupamento, especialmente considerando as opções da ARA para “santo dos santos” (9:12, 25; 10:19; 13:11). Se a NAA representa um recuo parcial das opções da ARA para “santo dos santos”, uma vez que a NAA mantém essa opção apenas em 9:25 e 13:11, o terceiro agrupamento de traduções (NVI, NVT, NTLH, BV) parece representar uma intensificação da opção da ARA por “santo dos santos” (ou “lugar santíssimo”, que teria o mesmo significado conceitual). Essa parece ser uma introdução comparativa apropriada para a descrição geral do terceiro agrupamento. Em comparação com os agrupamentos anteriores, o agrupamento mantém, em grande medida, a tradução “santuário” em 8:2; 9:1, 24. Os termos “templo” (8:2) (à semelhança da TEB em 9:1, no primeiro agrupamento de traduções), “tabernáculo” (9:1) e “lugar de adoração” utilizados na BV parecem manter o significado conceitual de santuário como um todo. Por outro lado, a opção por “lugar santíssimo” em 8:2 na NTLH representa uma variação significativa, especialmente considerando que essa mesma expressão é usada pela versão em 9:3, em que “lugar santíssimo” é diferenciado de “lugar santo” de 9:2. A variação da NTLH em 9:24 com “lugar santo” parece manter a ideia de santuário como um todo, uma vez que a tradução do verso indica que esse “santo lugar feito por seres humanos [...] é cópia do verdadeiro lugar”, na comparação geral do santuário terrestre como o celestial respectivamente. Ainda assim, o uso da expressão “santo lugar” em 9:24 se abre para a ambiguidade do sentido específico de primeiro

compartimento do santuário quando o leitor, desatento à ênfase de verso 24, compara a expressão diretamente com a mesma terminologia em 9:2.

Se o terceiro agrupamento mantém, em grande medida, a tradução “santuário” em 8:2; 9:1, 24, esse agrupamento se diferencia do primeiro agrupamento especialmente pela opção de “lugar santíssimo” ou “santo dos santos” em 9:8, 12, 25; 10:19 e 13:11. A variação pontual da NTLH também acrescenta 8:2 a essa lista. A ARA, no segundo agrupamento, também faz essa opção em 9:12, 25; 10:19; 13:11, mas o terceiro agrupamento adiciona o 9:8 para a lista. Ao passo que a ARA foi classificada nesse artigo no segundo agrupamento justamente por conta de sua comparação com a NAA, conforme explicado anteriormente, a comparação de variações em 13:11 no terceiro agrupamento com a NAA é interessante. Como já comentado anteriormente, as três mudanças da NAA em relação à ARA se resumem às opções por “santuário” em 9:8, 12; 10:19, em que em duas delas a ARA fez a opção por “santo dos santos” (9:12; 10:19). Por sua vez, como também já comentado, a NAA manteve a opção vista na ARA por “santo dos santos” em 9:25 e 13:11. É precisamente em 13:11, à luz dessa breve revisão das opções da NAA, que as variações da BV e da NVT no terceiro agrupamento são significativas. Enquanto a NAA se diferencia das opções da ARA por “santo dos santos” em 9:12 e 10:19, mas não em 13:11 (e também não em 9:25), a BV (“santuário”) e a NVT (“lugar santo”) se diferenciam das opções do terceiro agrupamento por “lugar santíssimo” precisamente em 13:11, mas não em 9:8, 12, 25; 10:19. Novamente, como comentado sobre a NTLH, a expressão “santo lugar” empregada pela NVT parece se referir ao santuário como um todo, mas também se abre para algum nível de ambiguidade em relação ao sentido específico, como utilizada em 9:2, de primeiro compartimento do santuário.

Finalmente, na última coluna da Tabela 1, a paráfrase de ME é conceitualmente parecida, em certa medida, com o primeiro agrupamento de traduções da tabela. Ao passo que a ME mantém, em similaridade com os três agrupamentos de tradução discutidos até aqui, o termo “santuário” em 8:2 e a distinção entre “lugar santo” e “lugar santíssimo” em 9:2-3, a expressão predominante para ἅγιος nessa paráfrase é “lugar santo” (9:12, 24, 25; 10:19) ou “lugar designado” (9:1). Conforme comentado anteriormente, o uso da expressão “lugar santo” se abre para a ambiguidade do sentido específico de

primeiro compartimento do santuário, uma vez que essa expressão também é usada, com esse sentido, em 9:2. Contudo, “lugar santo” parece ser usado na ME em 9:12, 24, 25; 10:19 com o sentido geral de santuário, especialmente quando o comparamos com a linguagem de “lugar designado” em 9:1. Por sua vez, a linguagem de santuário não aparece em 9:8, onde há a referência a “andar com Deus lado a lado”. Talvez, a ideia da paráfrase seja evocar o significado espiritual último do santuário. Em 13:11, a linguagem do santuário utilizada é o “altar”: “o sangue [...] era trazido para dentro do altar como sacrifício pelo pecado”. Estaria a paráfrase sugerindo por “altar” que é adentrado o santuário como um todo ou alguma parte específica do santuário? Isso não parece estar claro para o leitor na paráfrase de 13:10-12. Se o leitor considerar que o altar de incenso na paráfrase de 9:1-5, que é descrito pela ME como se situando no lugar santíssimo, tem alguma relação com a paráfrase de 13:10-12, então a linguagem de altar nessa passagem se referiria ao santíssimo nessa paráfrase. Contudo, como já enfatizado, a paráfrase de 13:10-12 em si não define essa questão.

De qualquer modo, do ponto de vista conceitual, a ME parece se aproximar da postura do primeiro agrupamento de traduções na tabela, no sentido de se referir ao aludir, em grande medida, ao santuário como um todo, explicitamente em 8:2; provavelmente em 9:1, 12, 24, 25; 10:19; possivelmente em 9:8; e talvez em 13:11.

## **Breve discussão exegética de ἄγλος como santuário em Hebreus**

Como ponto de partida, é importante observar o pano de fundo textual do autor de Hebreus. Este pano de fundo ajuda a compreender como a linguagem era entendida no *milieu* ou ambiente judaico do primeiro século. É lugar comum entre os eruditos da Epístola aos Hebreus reconhecer que a LXX é o texto das Escrituras usado pelo autor da epístola (veja GHEORGHITA, 2003), e que os textos do segundo templo faziam parte do seu cotidiano. Nessa questão, o trabalho de Cosaert (2000; 2004) é fundamental para a elucidação do presente artigo. Tanto em sua dissertação de mestrado (2000)

quanto em artigo posterior (2004), depois de uma pesquisa exaustiva de todas as 109 aparições do adjetivo ἅγιος em todas as inflexões no singular e no plural com referência ao santuário na LXX e na literatura do segundo templo, ele detectou que 106 vezes esse termo se refere a todo o santuário em geral, e *nunca* ao lugar santíssimo. Apenas 3 vezes, e unicamente no singular, ἅγιος se refere ao primeiro compartimento (o lugar santo) apenas. O lugar santíssimo é indicado pelo uso da locução Ἁγία Ἀγίων, e nunca pelo adjetivo ἅγιος sozinho, como Louw e Nida (1996, v. 1, p. 86) também reconhecem: “The inner room was more specifically identified by the phrase Ἁγία Ἀγίων.” Nas palavras de Cosaert (2000, p. 102-103):

Despite the variety of uses of ἅγιος, one pattern, however, does appear to be consistent throughout: *the plural form by itself is never used to describe the Holy of Holies alone*. Whenever the plural form by itself is used, it exclusively describes the whole sanctuary in general. Moreover, whenever specific reference is made to the Most Holy Place, the plural form by itself is never used. (ênfase do autor)

Tanto Bauer *et al.* (2000) como Louwe e Nida (1996) concorrem para a mesma compreensão. “ἅγιος”: “sanctuary; also the front, or outer part of the temple, the holy place. The heavenly sanctuary (9:12, 10:19)” (BAUER *et al.*, 2000, p. 11). “Ἁγία should be translated in essentially the same way as ναός.” (LOUW e NIDA, 1996, vol. 1, p. 83). Essa, portanto, seria a linguagem que os leitores/ouvintes estavam familiarizados e que os faria entender o conteúdo. Como ἅγιος no singular ou plural nunca foi usado nem na LXX, ou na literatura do segundo templo para se referir ao santíssimo, poderia se argumentar que seria ininteligível empregar esse vocábulo diferentemente. O pano de fundo textual da Epístola aos Hebreus parece favorecer as versões brasileiras que traduzem consistentemente ἅγιος como “santuário”.<sup>23</sup>

Um segundo aspecto essencial para detectar uma tradução adequada para ἅγιος é compreender como está estruturado o pensamento da exposição teológica de 8:1–10:18, uma vez que quase todas as aparições de ἅγιος como referência ao santuário, ou parte dele, situam-se nessa seção da epístola (veja

---

<sup>23</sup> Para mais informações, veja Gehman (1954); Davidson (2001, p. 180-181); Cortez (2008, p. 341-346); Nunes (2020, p. 359-399).

a primeira coluna da Tabela 1). De fato, mesmo Hb 10:19 está ligado a essa seção. Apenas a ocorrência de 13:11 não se conecta diretamente com ela.

Essa seção teológica lida com três tópicos principais: santuário, sacrifício e aliança.<sup>24</sup> Observando atentamente a microestrutura dessa seção expositiva (8:1–10:18), Cockerill (2001) detecta três movimentos básicos (8:1–13; 9:1–22; 9:23–10:18),<sup>25</sup> a que ele chama de “sinfonia em três movimentos.”<sup>26</sup> Cada movimento é marcado por um vocábulo transicional (Κεφάλαιον, 8:1; οὗν, 9:1 e 9:23). A construção dos dois primeiros movimentos avança na direção da resolução e clímax no terceiro movimento, considerando que o primeiro movimento estabelece o fundamento para os outros dois movimentos (COKERILL, 2001, p. 182; cf. STWETNAM, 1974, 335). Cada movimento consiste em três tópicos na mesma sequência: santuário (8:1-2; 9:1-10; 9:23-24), sacrifício (8:3-6; 9:11-15; 9:25-10:14) e aliança (8:7-13; 9:16-22; 10:15-18). Eles se inter-relacionam na medida em que a natureza ou qualidade do santuário demonstra a qualidade da aliança e do sacrifício. No primeiro movimento, o ministério de Cristo ocorre no “verdadeiro tabernáculo” (τῆς σκηνῆς τῆς ἀληθινῆς), isto é, o santuário celestial (8:1-2), o sacrifício oferecido é superior (8:3-6); e sua mediação se define pela “superior aliança” (κρείττονος [...] διαθήκης, 8:7-13).

Esse mesmo padrão é encontrado nos próximos dois movimentos (9:1-22; 9:23–10:18). Existe uma comparação contrastante no segundo movimento (9:1–22) do tabernáculo terrestre (σκηνή, vv. 2, 3, 6, 8, 21; ἅγιος, vv. 1-2), seu serviço (vv. 1-10, cf. λατρεία, v. 1) e sua aliança (inauguração, vv. 18-21) com o celestial e “mais perfeito tabernáculo” (σκηνή, v. 11; ἅγιος, v. 12), a oferta de Cristo de si mesmo (ἑαυτὸν προσήνεγκεν, v. 14) e a “nova aliança” que Cristo media (διαθήκης καινῆς μεσίτης ἐστίν, v. 15). Esse contraste é mais evidente

<sup>24</sup> A proeminência desses três tópicos na exposição teológica (8:1–10:18) é observável na estrutura geral do livro que Guthrie advoga, e em uma leitura fenomenológica da própria exposição. Vários eruditos têm identificado todos esses tópicos como principais (cf. O'BRIEN, 2010, p. 286; LANE, 1991, 2:257; BÉNÉTREAU, 1990, 2:51; GOURGUES, 1977, p. 32-33).

<sup>25</sup> As diferenças de detalhes das estruturas de Cockerill (2001) e Guthrie (1994; 1998; 2006) se devem ao fato de que Guthrie analisa a macroestrutura do livro usando indicadores literários formais, enquanto Cockerill examina a microestrutura de uma seção literária, com atenção ao conteúdo. A estrutura de Cockerill não invalida a de Guthrie, mas a define melhor.

<sup>26</sup> Movimento 1: O Novo Predito (8:1-13); Movimento 2: O Antigo Antiquado (9:1-22); Movimento 3: O Novo Explicado (9:23-10:18).

comparando os vv. 9 e 14. O terrestre é ineficaz, no tocante à consciência, “para aperfeiçoar aquele que presta culto (μη δυνάμεναι κατὰ συνείδησιν τελειῶσαι, v. 9), mas o celestial, superior e melhor ‘purificará nossa consciência’” (καθαριεῖ τὴν συνείδησιν ἡμῶν, v. 14). “Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança” (v. 15).

O início do terceiro movimento segue essa mesma comparação. A superioridade do santuário celestial em vv. 23-24 é empregada para indicar a superioridade e eficácia do sacrifício de Cristo (vv. 25-28) e a ineficácia dos sacrifícios terrestres (10:1-4): “porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (ἀδύνατον γὰρ αἷμα ταύρων καὶ τράγων ἀφαιρεῖν ἁμαρτίας, v. 4). Novamente, em 10:12-13, o santuário celestial e a entronização de Jesus ali confirmam que o sacrifício de Cristo é efetivo (cf., vv. 5-14). Como corolário, os benefícios do sacrifício de Cristo estão disponíveis agora através da nova aliança (COCKERILL, 2001, p. 198).<sup>27</sup> Guthrie (2006, p. 7) sumariza o relacionamento entre o santuário, o sacrifício e a aliança da seguinte maneira: “In 9:1-10:18 his new covenant offering is demonstrated as superior, based on superior blood, a superior place of offering [santuário celestial], and the finality of Christ’s decisive offering [nova aliança] (cf., vv. 15-18) and the same is true of the first part (8:1-13).”<sup>28</sup>

Essa estrutura paralela apresentada até aqui sugere que as traduções de Hb 8:2; 9:12 e 9:24 teriam o mesmo referente espacial, seguindo a base do primeiro movimento, a saber, o santuário celestial como um todo, e não apenas um compartimento. Em especial, porque em todas essas passagens o plural de ἅγιος é empregado.

Nesse contexto, um terceiro aspecto importante é o fato de que as versões brasileiras traduzem quase uniformemente ἅγιος (ver Tabela 1) nas passagens de Hb 8:2 e 9:1-3. A diferenciação acontece de 9:8 em diante. É digno de nota que em 8:2 e 9:8 o texto grego para ἅγιος é idêntico, τῶν ἁγίων.

---

<sup>27</sup> Note ainda que a primeira e última aparição do tema do santuário celestial nesta seção (8:1-2; 10:12-13) citam o Salmo 110.

<sup>28</sup> Veja também Cockerill (2001, p. 199); Cortez (2008, p. 324-413). Para Cortez (2008), a inauguração da nova aliança conectada com a assunção de Cristo é o tema prevaiente de 9:11-28.

Parece que a grande parte dessa diferenciação se deve à maneira de interpretar a comparação do lugar santo e santíssimo terrestre com o santuário terrestre e celestial presente em 9:1-12. Como descrito anteriormente, no bloco literário de 8:1–10:18 existe uma comparação entre a antiga e a nova aliança, em que o a localização do santuário informa a qualidade dessa aliança (COCKERILL, 2001). A aliança é o alvo final, em que a nova sobrepassa a antiga. Ou seja, há uma ênfase primária no aspecto temporal e, então, em segundo lugar no aspecto espacial. Em outras palavras, a nova aliança (temporal) tem um santuário celestial (espacial), mas o foco final é a nova aliança, como a estrutura do texto demonstra. Essa comparação pode também ser observada no nível do próprio texto de 9:1-22, particularmente quando se correlaciona Hb 9:1 e 9:11 (cf. v. 15), como veremos a seguir.

A transição entre a antiga e a nova aliança parece também ser o tópico em 9:2-10. O autor compara os rituais diários no lugar santo e os rituais anuais no lugar santíssimo para ilustrar que um grupo de rituais vêm após o outro, em sequência (vv. 6-7). Empregando muitos vocábulos temporais (ἔτι [“ainda”], καιρός [“tempo”], μέχρι καιροῦ διορθώσεως [“até o tempo da nova ordem”], τὸν καιρὸν τὸν ἐνεσθηκότα [“o tempo presente”] vv. 8-10), ele infere então que o caminho para o santuário celestial (τῶν ἁγίων; cf. 8:2) “ainda não [μήπω] se manifestou, enquanto [ἔτι] o primeiro tabernáculo continua erguido” (v. 8bc, ARA). Em suas notas exegéticas, a NET Bible (2005, p. 2245) explica que “The literal phrase ‘the first tent’ [v. 8] refers to either (1) the outer chamber of the tabernacle in the wilderness (as in vv. 2, 6) or (2) the entire tabernacle as a symbol of the OT system of approaching God. The second is more likely given the contrast that follows in vv. 11–12” (veja também a comparação de ἅγιον κοσμικόν [“santuário terrestre”] no v. 1 com τὰ ἅγια no v. 12). Isto é, os serviços “ineficazes” da antiga aliança no santuário terrestre (v. 8) que durariam até o “tempo oportuno da nova ordem” (vv. 9-10) contrastam com o momento da chegada de Cristo no tabernáculo/santuário celestial com a oferta eficaz que obtém salvação (vv.11–12).

A comparação entre os vv. 1 e 11 fortalece essa compreensão temporal. O santuário terrestre da antiga aliança no v. 1 contrasta com o santuário

celestial da nova aliança no v. 11–12. O aspecto transicional temporal é percebido por versões em várias línguas internacionais, como a NET, NASB, ESV (em inglês), NVI, ARA (em português), entre outras, quando traduzem temporalmente o particípio aoristo no v. 11 (παραγενόμενος, “quando Cristo veio”).

Ellingworth (1993, p. 437-439) reconhece que “μήπω [...] ἔτι [v. 8] implies a contrast of time, but direct reference to the crucial event of Christ’s sacrifice, which gives substance to this contrast, is held in reserve until vv. 11f.” Ele acrescenta,

It is probably best to give ἡ πρώτη σκηνή a temporal (not, as in vv. 2, 6, a spatial) sense, and to refer it to the OT tabernacle as a whole (not, as exceptionally in v. 2, to its outer part only). Those who take other views tend to underestimate the facility with which the author can glide from one meaning of an expression to another (vv. 9f., διά; 15–18, διαθήκη); they also tend to give less than full weight to the opening words of the verse, which indicate a shift from symbol to reality. If this argument is correct, τὰ ἅγια will mean the heavenly sanctuary (ELLINGWORTH, 1993, p. 437-439).

Além disso, Cortez (2006), em seu artigo sobre a especificidade da transição em Hb 9:6-10, identifica que essa passagem retrata a transição do “presente” para a nova era inaugurada por Jesus. Ele sublinha que a transição do ministério no lugar santo para o lugar santíssimo funciona como uma “parábola” de transição da inefetividade da antiga era para as realizações da nova.

Quando se nota essa transição temporal entre a antiga e a nova aliança, e se entende que a totalidade do santuário terrestre está em voga no v. 8, tem-se como corolário a compreensão de que vv. 11-12 (σκηνῆς [v. 11], τὰ ἅγια [v. 12]) e várias passagens que se seguem também falam do santuário celestial como um todo. Essa compreensão parece igualmente corroborar as versões brasileiras que traduzem consistentemente o adjetivo ἅγιος como santuário.

Depois de se observar o pano de fundo textual para o uso do vocábulo ἅγιος e a interpretação do texto crucial para as variações de tradução, faz-se necessário observar cada aparição de ἅγιος em seu contexto e texto imediato. Portanto, à luz do marco teórico articulado até aqui, as próximas subseções das passagens individuais de Hebreus apresentam breves notas exegéticas que objetivam informar a melhor tradução de ἅγιος em cada uma delas. A

brevidade das notas se justifica por questões de espaço no artigo, mas elas certamente podem (e provavelmente devem) ser aprofundadas em estudos posteriores.

## 8:2

Em Hb 8:2, o adjetivo ἅγιος aparece na forma genitiva plural neutra articular τῶν ἁγίων, portanto, substantivada. Sua tradução literal seria “dos santos”. Ele faz parte da expressão τῶν ἁγίων λειτουργὸς καὶ τῆς σκηνῆς τῆς ἀληθινῆς (“ministro do santuário [dos santos] e do verdadeiro tabernáculo”). Ao passo que 8:1 faça referência à entronização de Cristo “à destra do trono da Majestade nos céus”, e na Bíblia Hebraica o trono de Deus está ligado mais particularmente ao lugar santíssimo (muito embora esse trono seja descrito muitas vezes como móvel, cf. Ez 1), a tradução “santuário” é necessária pelas seguintes razões: (1) a expressão genitiva “do verdadeiro tabernáculo” se torna explicativa de τῶν ἁγίων; (2) a passagem (vv. 1-2) parece descrever que Jesus se torna ministro de todo o santuário, como resultado de sua entronização; (3) τῶν ἁγίων era uma expressão comumente usada na LXX e na literatura do segundo templo para se referir ao santuário israelita com seus dois compartimentos. É importante notar que, de acordo com a estrutura da exposição teológica de 8:1–10:18 apresentada acima, o primeiro movimento (8:1-13) serve como fundamento e base para os demais.

## 9:1

Em 9:1, o adjetivo ἅγιος aparece na forma acusativa singular neutra articular τό ἅγιον, portanto substantivada; sua tradução literal seria “o santo”. Ele faz parte da frase Εἶχεν μὲν οὖν [καὶ] ἡ πρώτη δικαιώματα λατρείας τό τε ἅγιον κοσμικόν (“A primeira tem, portanto também, regulamentos de serviço sagrado e o santuário [o santo] terrestre”). A conjunção οὖν faz com que o numeral ordinal tenha como referente o assunto dos versos anteriores (8:6-13) – a comparação entre a antiga e a nova aliança. Uma vez que no v. 7 a antiga aliança é chamada ἡ πρώτη ἐκείνη (“aquela primeira”), e novamente no v. 13 τὴν πρώτην (“a primeira”), é natural entender que ἡ πρώτη é uma referência

à antiga aliança em geral. Essa generalização se torna mais patente pelo emprego da locução acusativa anartra δικαιώματα λατρείας (“regulamentos de serviço sagrado”). Dentro desse contexto de generalização, é possível perceber que τό ἅγιον (“o santo”) pode ser confortavelmente traduzido como “santuário”, mesmo que essa não fosse a forma usual, embora não incomum (14 vezes), de se referir ao santuário terrestre na LXX e na literatura do segundo templo. É interessante notar que todas as traduções em português do Brasil, observadas no presente artigo, parecem ter essa percepção.

## 9:2

Em Hb 9:2, o adjetivo ἅγιος aparece no nominativo singular feminino anartrō ἅγια. A flexão feminina de ἅγιος aparece apenas duas vezes (vv. 2-3) em todo o livro de Hebreus. Sua tradução literal seria “santa”. Ela faz parte da frase ἣτις λέγεται Ἁγία (“a qual é chamada: santa”, tradução literal). Sintaticamente, ἅγια é um nominativo independente (WALLACE, 1996) cuja força sintática poderia ser a de um vocativo (LUKASZEWSKI; DUBIS, 2009). Esse adjetivo está relacionado diretamente com o pronome relativo feminino ἣτις, que por sua vez se refere a σκηνὴ ἡ πρώτη (“a primeira tenda”, tradução literal). Ou seja, de maneira direta e literal, “a primeira tenda a qual é chamada: santa”. Nesse caso, o adjetivo ἅγιος identifica a “tenda”. Toda essa construção gramatical e sintática, aliada à descrição dos móveis (v. 2), indica que o autor está se referindo à primeira parte do santuário (“primeira tenda”), tecnicamente conhecida como lugar santo, e não a todo o santuário. Como descrito anteriormente, Cosaert (2000; 2004) indica que, na LXX e na literatura do segundo templo, o termo ἅγιος no singular (nunca no plural) se refere apenas ao lugar santo somente três vezes.

## 9:3

Em Hb 9:3, o adjetivo ἅγιος não aparece sozinho, mas sim na construção técnica para o lugar santíssimo: Ἁγία Ἀγίων. O primeiro vocábulo ἅγιος está flexionado como nominativo feminino singular, enquanto o segundo está no

genitivo neutro/feminino plural. Essa construção faz parte da expressão substantiva σκηνή ἡ λεγομένη Ἅγια Ἁγίων (“tenda chamada santa das santas”, em tradução literal) e predica o substantivo σκηνή (“tenda”). Toda a expressão substantiva faz um claro contraponto ao v. 2. Similar ao v. 2, os vv. 4-5 descrevem os móveis e utensílios que ocupam o espaço. Mas enquanto uma tenda é santa (v. 2), a outra tenda é a santa das santas (v. 3). Podemos sublinhar três elementos que parecem indicar que “santo dos santos” ou “lugar santíssimo” seria uma tradução adequada em 9:3: (1) a comparação dos vv. 2-3; (2) a descrição dos móveis e utensílios que ocupam o seu espaço; e (3) o uso do termo técnico para o lugar santíssimo. É importante destacar, porém, que em 9:2-3 se utiliza um vocabulário bem peculiar, como o uso de ἄγιος no feminino e σκηνή para uma parte do santuário. Devido a essa peculiaridade, as comparações com outros versos contendo vocabulário similar precisam ser feitas com bastante cautela.

## 9:8

Em Hb 9:8, o adjetivo ἄγιος aparece no genitivo plural neutro articular τῶν ἁγίων, substantivado, idêntico a 8:2. Sua tradução literal seria “dos santos”. Ele faz parte da construção “caixa” τὴν τῶν ἁγίων ὁδὸν (“o caminho dos santos”). Muito já foi dito sobre esse verso na seção anterior. É suficiente dizer agora que τῶν ἁγίων é comparado a σκηνή no mesmo verso. Mas, diferentemente do v. 2, a comparação aqui é do singular σκηνή com o plural τῶν ἁγίων. Isto é, o “tabernáculo/tenda” não está relacionado com um “santo”, mas com “os santos”. Não apenas uma parte está em vista, “o santo” (v. 2) ou o “santo dos santos” v. 3, mas todo o santuário, “os santos” (v. 8).

Mais uma vez, a comparação do tabernáculo terrestre (σκηνή) com o santuário (τῶν ἁγίων) no v. 8 é para ser compreendida à luz da comparação temporal dos vv. 9-10 com vv. 11-12. E estes, por sua vez, precisam ser entendidos segundo o critério de toda a seção de 8:1–10:19, a saber a comparação temporal entre a antiga e a nova aliança com seus santuários, sacrifícios e sacerdócios, como pode ser visto no paralelo entre 9: 1 e 11. Nesse caso, τῶν ἁγίων no v. 8 seria uma referência ao santuário celestial (como em

8:1), em contraste com o tabernáculo terrestre. Em face à argumentação acima, τῶν ἁγίων poderia ser traduzido como “santuário” em 9:8. Essa tradução mais uma vez está em harmonia com o *milieu* ou o ambiente do judaísmo do primeiro século, como encontrado na LXX e nos escritos do segundo templo, em que o plural de ἅγιος é sempre utilizado como referência ao santuário como um todo.

## 9:12

Em Hb 9:12, o adjetivo ἅγιος aparece no acusativo plural neutro articular τὰ ἅγια, substantivado. Sua tradução literal seria “os santos”. Ele faz parte da frase εἰσῆλθεν ἐφάπαξ εἰς τὰ ἅγια (“entrou uma vez por todas nos santos”, tradução literal). Muito já foi dito na seção anterior sobre esse verso. Alguns pontos poderiam ser lembrados: (1) a comparação temporal dos vv. 1-12; (2) a referência ao mesmo local nos v. 11-12, com palavras distintas, mas que se autoelucidam (σκηνῆς οὐ χειροποιήτου [tabernáculo não feito por mãos], v. 11; τὰ ἅγια, v. 12); e (3) o paralelo de 9:12 com 8:2 e 9:23-24, em que 8:2 serve de base para a compreensão dos demais. Além desses três pontos, é relevante perceber que 9:12 não traz nenhuma descrição do local, de seus móveis e/ou utensílios, como acontece em 9:2-3. Assim, em 9:12, a expressão τὰ ἅγια aparece só, usada de forma direta e geral, parecendo subentender que o leitor/ouvinte compreenderia a expressão usada por ser costumeira, sem a necessidade de maiores explicações. Nesse ponto, a afirmação de Cosaert (2004, p. 103) é relevante: “the customary use of the word [τὰ ἅγια] would have led any first-century author or reader to use or understand a reference to τὰ ἅγια by itself as a reference to the sanctuary in general and not to the Most Holy Place.”

## 9:24

Em Hb 9:24, o adjetivo ἅγιος aparece no acusativo plural neutro anartro ἅγια. Sua tradução literal seria “santos”. Essa é a única vez em que a palavra ἅγιος no plural aparece sem artigo. ἅγια faz parte da frase οὐ γὰρ εἰς

χειροποίητα εἰσῆλθεν ἅγια Χριστός (“Porque Cristo não entrou em santos [um santuário] feito por mãos”, tradução literal). Possivelmente, essa anartria se deve ao fato de que toda a frase esteja fazendo uma comparação entre o santuário terrestre e o celeste. Nesse caso, o santuário terrestre teria uma ideia de palavra indefinida, enquanto o celestial vem superenfaticado pela presença do pronome enfático e do artigo ἀλλ’ εἰς αὐτὸν τὸν οὐρανόν (“porém no mesmo céu”). É curioso notar que, nesse verso, todas as versões brasileiras analisadas traduzem ἅγια como “santuário” (“lugar de adoração”, BV; “lugar santo”, NTLH, ME), enquanto em 9:12 há bastante variação. Entretanto, no grego, em ambos os lugares, ἅγιος aparece no acusativo plural neutro ἅγια, e em 9:12 ainda há a presença do artigo, o que não deixa dúvidas acerca da classificação morfológica da palavra sendo modificada (τὰ ἅγια).

## 9:25

Em Hb 9:25, o adjetivo ἅγιος aparece no acusativo plural neutro articular τὰ ἅγια substantivado. Sua tradução literal seria “os santos”. Ele faz parte da frase ὥσπερ ὁ ἀρχιερεὺς εἰσέρχεται εἰς τὰ ἅγια κατ’ ἐνιαυτὸν ἐν αἵματι ἄλλοτριῷ (“Como o sumo sacerdote entre nos santos cada ano/anualmente com sangue alheio”, tradução literal). Duas expressões dificultam a tradução de ἅγιος aqui: ὁ ἀρχιερεὺς e κατ’ ἐνιαυτὸν (“sumo sacerdote” e “anualmente”). Essas duas palavras levam ao entendimento da presença do tema do Dia da Expição e, por conseguinte, a ideia de que o lugar santíssimo está sendo mencionado. Entretanto, pelo menos quatro argumentos deveriam ser considerados para uma tradução mais acurada.

Primeiramente é necessário perceber que o termo “sumo sacerdote” em Hebreus ocorre 17 vezes em 17 versos (“sacerdote” ocorre 14 vezes em 14 versos), em cada um dos capítulos 2-9 e 13, e nos mais diversos contextos. Isso se deve ao fato de que em todo o livro tanto “sumo sacerdote” quanto “sacerdote” estão ligados diretamente ao tema do contraste entre o sacerdócio humano e o de Jesus Cristo. Por exemplo, em 2:17 está conectado ao sofrimento humano terrestre de Jesus. Em 5:1 está ligado ao momento da constituição do sumo sacerdote Araônico “para oferecer tanto dons como

sacrifícios pelos pecados”, de maneira geral. Em 5:10 está vinculado ao momento da designação de Jesus como “sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”. E em 7:27 essa palavra está diretamente atrelada ao ministério diário do sumo sacerdote: “como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios”.

Em segundo lugar, a expressão prepositiva κατ’ ἐνιαυτὸν não traz unicamente a ideia de uma vez ao ano. A preposição κατά nesse contexto tem função distributiva (BAUER *et al.*, 2000, p. 511) e pode dar a entender “cada ano” como “anualmente”, ou seja, “ano após ano”, e não a ideia de uma vez por ano. Essa mesma construção gramatical é usada em 7:27 (καθ’ ἡμέραν). A ARA traduz essa expressão como “todos os dias”, muito embora a palavra ἡμέραν seja singular. A NVI traduz “dia após dia”, a NVT “diariamente”, BJ “todos os dias”, entre outras. Se o autor de Hebreus quisesse especificar a entrada do sumo sacerdote no lugar santíssimo uma vez por ano em 9:25, poderia ter usado uma construção gramatical semelhante à utilizada no v. 7: ἅπαξ τοῦ ἐνιαυτοῦ (“uma vez por ano”). Pode-se agregar à essa informação o fato de o verbo principal estar no presente (εἰσέρχεται, “entra”). É verdade que o aspecto verbal do presente pode ser entendido nesse contexto como iterativo, mas o aspecto verbal linear não pode ser desprezado, porque essa é a principal característica do aspecto verbal do tempo presente (WALLACE, 1996). A questão do verbo no presente somada à força sintática distributiva de κατά nesse contexto (v. 25) podem sugerir a ideia mais geral de que o sumo sacerdote entra no santuário “ano após ano”.

Em terceiro lugar, mesmo que o texto estivesse se referindo ao ritual de *Yom Kippur*, e que nessa festividade haveria uma ênfase ao lugar santíssimo, esse não era o único lugar a ser feita expiação. Em Lv 16 existem várias menções à expiação de todo o santuário (ἅγιος, na LXX) e de todo o tabernáculo (σκηνή, LXX) como sendo o foco do serviço expiatório desse dia (cf. Lv 16:3, 7, 16, 17, 20). Em Hb 9:25, mesmo que a temática descrita seja dia da expiação, não haveria problema algum τὰ ἅγια ser traduzido como santuário.

Essa ponderação nos leva ao quarto argumento. Se τὰ ἅγια for traduzido em 9:25, uma passagem ambígua, como lugar santíssimo, essa seria, quem sabe, a única vez em toda a literatura judaica do segundo templo e LXX

a nomear o lugar santíssimo com um plural articular. Nesse caso, talvez os leitores/ouvintes teriam um forte ruído de comunicação.

## 10:19

Em Hb 10:19, o adjetivo ἅγιος ocorre no genitivo plural neutro articular τῶν ἁγίων, substantivado. Sua tradução literal seria “dos santos”. Ele faz parte da frase παρρησίαν εἰς τὴν εἴσοδον τῶν ἁγίων ἐν τῷ αἵματι Ἰησοῦ (“confiança para a entrada dos santos pelo sangue de Cristo”, tradução literal). O v. 20 é claro em dizer que Jesus foi além do véu, como uma referência à entrada no lugar santíssimo, assim como em 6:19–20. Mas isso não quer dizer que τῶν ἁγίων deveria ser traduzido automaticamente como lugar santíssimo.

Primeiramente, em toda a seção teológica anterior, da qual 10:19-25 funciona como uma conclusão transicional (cf. a conjunção lógica inferencial οὖν no v. 19), o adjetivo ἅγιος no plural articular parece indicar o santuário como um todo, em especial à luz de 8:2, que apresenta a mesma construção genitiva τῶν ἁγίων.

Em segundo lugar, a passagem paralela de 4:14-16, que também é transicional (GUTHRIE, 1994), afirma que Jesus “penetrou os céus”, morada de Deus. Em todo o livro de Hebreus “céus” e “santuário” são usados de maneira intercambiável, como uma comparação de 1:3; 4:14; 8:2; 9:12; 9:23–24; 10:19 podem demonstrar (NUNES, 2020).

Um terceiro argumento é que a passagem de 10:19–20 ressalta explicitamente a inauguração do santuário celestial através do uso do verbo ἐνεκαίνισεν (“Ele inaugurou”). Esse verbo é modificado pela preposição διά, com aparente força sintática locativa (“através”), da qual faz parte a palavra “véu” (através do véu). A inauguração do santuário mosaico tinha em vista todo o santuário (cf. Ex 40), onde os véus do lugar santo e santíssimo exerciam um papel de destaque (cf. Ex 40:3, 5, 8, 21–22, 26, 28). O primeiro utensílio ali posto era a arca da aliança, no lugar santíssimo (Ex 40:3, 21). Era de se esperar que o mesmo ocorresse no santuário celestial, em sua inauguração, assim como está descrito em Hb 10:19 e textos paralelos—Jesus inaugurando a

entrada no santuário, passando através do véu até a presença da Majestade e assentando-se em Seu trono (cf. 8:1-2, 6:19-20; 8:1-2).

## 13:11

Em Hb 13:11, o adjetivo ἅγιος ocorre no acusativo plural neutro articular τὰ ἅγια, substantivado. Sua tradução literal seria “os santos”. Ele faz parte da frase εἰσφέρεται ζώων τὸ αἷμα περὶ ἁμαρτίας εἰς τὰ ἅγια διὰ τοῦ ἀρχιερέως (“o sangue, dos animais, pelo pecado que é trazido para dentro dos santos pelo sumo sacerdote”). Muito já foi dito nos textos anteriores cuja argumentação poderia ser também utilizada aqui. Apenas um argumento novo será apresentado.

Por causa da presença das expressões “sumo sacerdote”, “sangue trazido para dentro ‘dos santos’ (em tradução literal) e da menção de que o corpo dos animais era “queimado fora do acampamento,” alguns intérpretes veem aqui uma menção ao santíssimo na locução articular acusativa τὰ ἅγια. É bem verdade que Lv 16:27 menciona esse ritual específico conectado com o *Yom Kippur*, mas no texto não é mencionado o lugar santíssimo, e sim o santuário como um todo: “Mas o novilho e o bode da oferta pelo pecado, cujo sangue foi trazido para fazer expiação no santuário, serão levados fora do arraial; porém as suas peles, a sua carne e o seu excremento se queimarão” (Lv 16:27).

Esse, porém, não era o único ritual em que o sangue era trazido para dentro do santuário e a carcaça queimada fora do arraial. Lv 4:12, retratando o sacrifício pelo pecado do sacerdote, também menciona que o sumo sacerdote (v. 3, “sacerdote ungido”) deveria trazer o sangue do novilho para dentro do tabernáculo até diante do véu do lugar santíssimo (vv. 4–6) e “o novilho todo, levá-lo-á fora do arraial, a um lugar limpo, onde se lança a cinza, e o queimará sobre a lenha; será queimado onde se lança a cinza”. Esse mesmo ritual era feito pelos pecados de toda a congregação de Israel (Lv 4: 13–21), envolvendo o sumo sacerdote, o sangue do animal sendo trazido para dentro do santuário e a carcaça sendo queimada fora do arraial.

Traduzir, portanto, τὰ ἅγια como lugar santíssimo por causa das expressões “sumo sacerdote”, “para dentro dos santos” e “carcaça queimada

fora do arraial” não condiz com o texto do ritual do dia da expiação (Lv 16:27) e dos rituais pelos pecados do sacerdote e do povo (Lv 4:1–21). Mais uma vez, o adjetivo articular no plural deveria ser traduzido como santuário, como era entendido no *milieu* judaico do primeiro século.

## Considerações finais

A introdução do presente artigo indicou que o trabalho de Salom (1967) representa um importante precursor para a investigação realizada aqui. Ao tomar as traduções bíblicas em língua inglesa como objeto de seu estudo, ele destacou duas conclusões principais em suas reflexões exegéticas. Em primeiro lugar, a conclusão geral de seu artigo é que ἅγιος (no contexto semântico de santuário) em Hebreus se refere, essencialmente, ao santuário como um todo, com a exceção da especificação de santo e santíssimo em 9:2 e 3 respectivamente. Por sua vez, a segunda conclusão, que é, de fato, uma sugestão para traduções bíblicas, é que, com a exceção de 9:2-3, nas outras oito passagens (8:2; 9:1, 8, 12, 24-25; 10:19; 13:11) ἅγιος deveria ser traduzido como “santuário”, no sentido de referência ao santuário como um todo. Salom (1967) acrescenta que, mesmo que alguma dessas passagens possa ter relação mais específica com algum compartimento do santuário, do ponto de vista exegético, o tradutor deveria ser sensível ao contexto da passagem (como no caso da exceção de 9:2-3) e ao mesmo tempo manter a consistência ou uniformidade da tradução de ἅγιος nessas oito passagens como “santuário”, deixando a tarefa de explorar a ênfase de alguma referência potencialmente mais específica para o comentarista bíblico.

Ao utilizar como ponto de partida a análise comparativa das traduções de ἅγιος como santuário em Hebreus, no contexto das versões em português no Brasil, o presente estudo apresenta uma conclusão similar à de Salom (1967), embora dialogue com estudos mais recentes e realize anotações exegéticas distintas deste. Desse modo, o presente artigo pode ser visto tanto como uma contribuição para a atualização da discussão de Salom quanto como uma aplicação dessa discussão para o cenário das traduções bíblicas em

português no Brasil. Nessa aplicação, o presente estudo avalia como positiva a grande quantidade de versões brasileiras que mantêm a consistência, em termos de uniformidade, da tradução de “santuário” como um todo para ἅγιος em Hb 8:2; 9:1, 8, 12, 24-25; 10:19; 13:11. Por sua vez, essa consistência de tradução não deve ser estabelecida sem uma ponderação adequada acerca do contexto específico da passagem. Na avaliação do presente artigo, a tradução “santuário” em 9:2 pela ARC representa um exemplo pontual de consistência uniforme sem adequada ponderação contextual, uma vez que a leitura do contexto da passagem sugere que “santo” seria a melhor tradução.

Em outros casos, onde contextualmente ἅγιος potencialmente enfatize ou se relacione de maneira mais particular com algum compartimento do santuário, sem que essa ênfase ou relacionamento seja um sentido necessariamente exigido pelo texto, a tradução deveria manter a consistência de “santuário” como um todo para ἅγιος e deixar os comentários de possibilidades de ênfases ou relacionamentos mais específicos acerca do santuário para reflexões exegéticas em materiais de discussão acadêmica, como artigos, livros e comentários bíblicos. Talvez, esse possa ser o caso de passagens como Hb 9:25 e 13:11. Como indicado nas notas exegéticas anteriores, existem razões textuais substanciais para manter a consistência uniforme da tradução “santuário” como um todo, mas talvez seja possível que essas passagens tenham uma relação particular com o santíssimo, sem que isso seja necessariamente requerido na tradução dessas passagens.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Como mencionado no texto introdutório das notas exegéticas, essa discussão pode ser enriquecida por futuros estudos exegéticos e teológicos acerca do uso de ἅγιος para santuário em Hebreus.

## Referências

- ALVES, H. Panorama das traduções da Bíblia em português no século XX e sua recepção no meio católico. In: CAVACO, T.; DANIEL, S. (orgs.). *A Bíblia e suas edições em Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas; Sociedade Bíblica de Portugal, 2010. p. 209-236.
- BAUER, W.; DANKER, F. W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W. *Greek-English lexicon of the New Testament and other early christian literature*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- BÉNÉTREAU, S. *L'épître aux Hébreux*. 2 vols. Vaux-sur-Seine: Edifac, 1990.
- BÍBLIA A Mensagem*. Por Eugene Peterson. São Paulo: Vida, 2011.
- BÍBLIA de Jerusalém*: Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA do Peregrino*: Novo Testamento. Por Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus, 2000.
- BÍBLIA Sagrada de Aparecida*. Aparecida, SP: Santuário, 2006.
- BÍBLIA Sagrada*: Almeida Revista e Atualizada. 2ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BÍBLIA Sagrada*: Almeida Revista e Corrigida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BÍBLIA Sagrada*: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- BÍBLIA Sagrada*: Edição Claretiana. São Paulo: Ave Maria, 2004.
- BÍBLIA Sagrada*: Nova Almeida Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BÍBLIA Sagrada*: Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- BÍBLIA Sagrada*: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BÍBLIA Sagrada*: Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.
- BÍBLIA Sagrada*: Nova Versão Transformadora. Tyndale House Foundation. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BÍBLIA tradução ecumênica*: TEB. São Paulo: Loyola, 1994.

BRUCE, F. F. *The Epistle to the Hebrews: the English text with introduction, exposition, and notes*. New International Commentary of the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1964.

COCKERILL, G. L. Structure and interpretation in Hebrews 8:1-10:18: a symphony in three movements." *Bulletin for Biblical Research*, v. 11, n. 2, p. 179-201, 2001.

CODY, A. *Heavenly sanctuary and liturgy in the Epistle to the Hebrews: the achievement of salvation in the epistle's perspective*. St. Meinrad, IN: Grail Publications, 1960.

CORTEZ, F. H. From the holy to the most holy place: the period of Hebrews 9:6-10 and the Day of Atonement as a metaphor of transition. *Journal of Biblical Literature*, v. 125, n. 3, p. 527-547, 2006.

CORTEZ, F. H. "The anchor of the soul that enters within the veil": the ascension of the "Son" in the Letter to the Hebrews. 2008. 548 p. Tese (Doutorado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, MI (USA), 2008.

COSAERT, C. P. *A study of Ta Hagia in the LXX, Pseudepigrapha, Philo, and Josephus, and its implications in Hebrews*. 2000. 132 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Nazarene Theological Seminary, Kansas City, MO (USA), 2000.

COSAERT, C. P. The use of ἄγιος for the sanctuary in the Old Testament Pseudepigrapha, Philo, and Josephus. *Andrews University Seminary Studies*, Berrien Springs, v. 42, n. 1, p. 91-103, 2004.

DAHL, N. A. A new and living way: the approach to God according to Heb 10:19-25. *Interpretation*, v. 5, n. 4, p. 401-412, 1951.

DAVIDSON, R. M. Christ's entry "within the veil" in Hebrews 6:19-20: the Old Testament background. *Andrews University Seminary Studies*, Berrien Springs, v. 39, n. 2, p. 175-190, 2001.

ELLINGWORTH, P. *The Epistle to the Hebrews*. New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

GEHMAN, H. S. Ἄγιος in the Septuagint, and its relation to the Hebrew original. *Vetus Testamentum*, v. 4, n. 4, p. 337-348, 1954.

GHEORGHITA, R. *The role of the Septuagint in Hebrews*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.

GOURGUES, M. Remarques sur la "structure centrale" de l'épître aux Hébreux. *Revue biblique*, v. 84, n. 1, p. 26-37, 1977.

GUTHRIE, G. H. *Hebrews*. NIV Application Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1998.

GUTHRIE, G. H. *The structure of Hebrews: a text-linguistic analysis*. Supplements to Novum Testamentum 73. Leiden: Brill, 1994.

GUTHRIE, G. H. "The structure of Hebrews revisited." Paper apresentado no encontro anual da Society of Biblical Literature. Washington, DC, 2006.

HAVELKOVÁ, E. ΑΓΙΟΣ - The development of the semantic field of the term "ΑΓΙΟΣ" in the New Testament and writings of Apostolic Fathers. 2015. 447 p. Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Univerzita Karlova V Praze, Praga, 2015.

HÉRING, J. *The Epistle to the Hebrews*. London: Epworth, 1970.

*Holy Bible, The: English Standard Version (ESV)*. Wheaton, IL: Crossway Bibles, 2001.

KOESTER, C. R. *The dwelling of God: the tabernacle in the Old Testament, intertestamental jewish literature, and the New Testament*. Washington, DC: Catholic Biblical Association of America, 1989.

KONINGS, J. Traduções bíblicas católicas no Brasil (2000-2015). *Pistis e Praxis*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 89-102, 2016.

KONINGS, J. Tradução e Traduções da Bíblia no Brasil. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 35, n. 96, p. 215-238, 2003.

LANE, W. *Hebrews 9-13*. 2 vols. Word Bible Commentary. Dallas: Word, 1991.

LOUW, J. P.; NIDA, A. *Greek-English lexicon of the New Testament: based on semantic domains*. New York: United Bible Societies, 1996.

LUKASZEWSKI, A. L. e DUBIS, M. (orgs.). *The Lexham syntactic greek New Testament*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2009.

MACKIE, S. Heavenly Sanctuary Mysticism in the Epistle to the Hebrews. *Journal of Theological Studies*, v. 62, n. 1, p. 77-117, 2011.

MALZONI, C. V. As edições da Bíblia em circulação no Brasil: panorama atual. *Didaskalia*, Lisboa, v. 40, n. 1, p. 113-125, 2010.

MOTYER, S. The temple in Hebrews: is it there? In: GATHERCOLE, S.; ALEXANDER, T. D. (orgs.). *Heaven on earth: the temple in biblical theology*. Carlisle: Paternoster, 2004. p. 177-189.

*NET Bible, The: New English Translation*. Biblical Studies Press, 2005.

*New American Standard Bible: NASB*. La Habra, CA: The Lockman Foundation, 1995.

*Nova BÍBLIA Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

*Nova BÍBLIA Viva*. São Paulo: Mundo Cristão; Sociedade Bíblica Internacional, 2010.

NUNES, L. G. *Function and nature of the heavenly sanctuary/temple and its earthly counterparts in the New Testament gospels, Acts, and the epistles: a motif study of*

major passages. 2020. 553 p. Tese (Doutorado em Teologia Bíblica) – Andrews University, Berrien Springs, MI, 2020.

O'BRIEN, P. T. *The letter to the Hebrews*. Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

PHILIP, C. The Temple in the Apocalypse of Weeks and in Hebrews. *Tyndale Bulletin*, Cambridge, v. 64, n. 1, p. 109-128, 2013.

PHILIP, M. *Leviticus in Hebrews: a transtextual analysis of the tabernacle theme in the letter to the Hebrews*. Bern: Peter Lang, 2011.

REGEV, E. *The temple in early christianity: experiencing the sacred*. New Haven: Yale University Press, 2019.

RIBBENS, B. J. *Levitical sacrifice and heavenly cult in Hebrews*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2016.

RODRIGUES, A. M. *Toward a priestly Christology: a hermeneutical study of Christ's priesthood*. Lanham, MD: Fortress Academic, 2018.

SALOM, A. P. ἄγιος in the Epistle to the Hebrews. *Andrews University Seminary Studies*, Berrien Springs, v. 5, n. 1, p. 59-70, 1967.

SCHOLZ, V. As traduções da Bíblia publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil: breve histórico e características. *Pistis e Praxis*, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 73-88, 2016.

SPICQ, C. *L'épître aux Hébreux*. 2 vols. Paris: J. Gabalda, 1952.

SWETNAM, J. Form and Content in Hebrews 7-13. *Biblica*, v. 55, n. 3, p. 333-348, 1974.

WALLACE, D. B. *Greek grammar beyond the basics: an exegetical syntax of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1996.

RECEBIDO: 16/06/2022  
APROVADO: 24/07/2022

RECEIVED: 06/16/2022  
APPROVED: 07/24/2022